



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

GENICE DA COSTA BARBOSA PEREIRA

**A LITERATURA INFANTIL NUMA PERSPECTIVA LÚDICA: SUA CONTRIBUIÇÃO
PARA FORMAÇÃO DE LEITORES.**

CAMPINA GRANDE- PB

2013

GENIGE DA COSTA BARBOSA PEREIRA

**A LITERATURA INFANTIL NUMA PERSPECTIVA LÚDICA: SUA CONTRIBUIÇÃO
PARA FORMAÇÃO DE LEITORES.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Maria das Graças Barros.

CAMPINA GRANDE- PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

P436l Pereira, Genice da Costa Barbosa.
A literatura infantil numa perspectiva lúdica
[manuscrito]: sua contribuição para formação de leitores.
/ Genice da Costa Barbosa Pereira, 2013.
52 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Profa. Ma. Maria Maria das Graças
Barros, Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Infantil 2. Literatura Infantil 3.
Formação de Leitores I. Título.

21. ed. CDD 372.4

GENIGE DA COSTA BARBOSA PEREIRA

**A LITERATURA INFANTIL NUMA PERSPECTIVA LÚDICA: SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO DE LEITORES.**

APROVADA: 11/12/2013

Maria das Graças Barros

Nota 9,0

Prof^ª. Me. Maria das Graças Barros (UEPB/ EAD)
Orientadora

Maria José Guerra

Nota 9,0

Prof^ª. Dr^ª. Maria José Guerra (UEPB/CEDUC/DP)
Examinadora

Cristina Sales Cruz

Nota 9,0

Prof^ª Me. Cristina Sales Cruz (UEPB/CEDUC)
Examinadora

CAMPINA GRANDE-PB
2013

DEDICO,

*A todas as pessoas que contribuíram
diretamente e indiretamente para
minha formação docente.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo coração ao Criador do universo por me dar a oportunidade de concluir este curso. Agradeço-te meu Deus por tudo que concedes em minha vida.

À minha família, em especial ao meu esposo que, no decorrer da nossa vida juntos sempre me ofereceu amor, incentivo e refúgio em momentos felizes ou tristes.

À Universidade Estadual da Paraíba, representada pelos professores e seus componentes curriculares do curso de Pedagogia oportunizaram a minha formação acadêmica.

À professora Maria das Graças Barros, que orientou a construção deste trabalho com dedicação e competência, tornando-se, com a sua postura de educadora, um exemplo no qual irei espelhar-me no exercer da minha docência.

**Um livro é um brinquedo feito com letras.
Ler é brincar.**

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho partiu da relevância do tema Literatura Infantil, e da preocupação com a ausência de práticas de leitura numa turma de 1º ano, em que percebemos as dificuldades de leitura dos alunos durante a realização de um Estágio Supervisionado exigido pela graduação. Sendo assim, definiu-se como objetivo do trabalho investigar como os professores trabalham a Literatura Infantil no processo de alfabetização. Trata-se de um estudo de campo, utilizando como instrumento uma entrevista e registros de observações do cotidiano da sala de aula. Regina Zilberman, Vera Texeira Aguiar, José Juvênio Barbosa, Bruno Bettelheim, Lígia Cadermatori, Meire Cavalcante, Nelly Novaes Coelho, Maria Dinorah Prado, Magda Soares, dentre outros autores embasaram este trabalho. Os sujeitos da pesquisa foram a professora e os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Escritor Alceu do Amoroso Lima que está localizada no bairro das Malvinas na cidade de Campina Grande-PB. Entende-se que a ausência da prática de leitura interfere negativamente no desenvolvimento da proficiência em leitura e na construção do gosto e do hábito de ler. Cabe aos professores estabelecerem uma relação prazerosa entre a criança e o livro. Para isso, a leitura precisa ser apresentada de forma adequada, despertando o interesse das crianças, assim como são propostos os brinquedos. Pois o que se percebeu é a utilização da Literatura Infantil de forma didatizada, através de cobranças de atividades sem significados para a criança.

Palavras-chaves: Literatura Infantil. Criança. Leitores proficientes.

ABSTRACT

The present work came from the relevance of children's literature theme, and of the preoccupation with the absence of reading practice in a first grade class. As such, was defined as objective in this research to investigate how the teachers mainly work Children's Literature in the literacy process. This is a field study, using the interview, questionnaires and records of classroom daily observations as tools. Regina Zilberman, Vera Texeira Aguiar, José Juvênio Barbosa, Bruno Bettelheim, Lígia Cadermatori, Meire Cavalcante, Nelly Novaes Coelho, Maria Dinorah Prado, Magda Soares, among others authors supported this work. The investigation subjects were the teacher and the students from Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Escritor Alceu do Amoroso Lima that is located in the Malvinas neighborhood in Campina Grande – PB. It is understood that the absence of the practice of reading interferes negatively in the development of proficiency in Reading practice and in the construction of taste and habit of Reading. It is up to teachers to establish a pleasurable relation between children and the book. Thereunto, reading must be displayed appropriately, awakening the interest of children, as it happens with toys, because what is perceived is the utilization of Children's Literature in dedicated way, through implementation of activities without meanings for children.

Keywords: Children's Literature. Child. Proficient readers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPÍTULO I - A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL.....	12
1.1 Um breve resgate.....	12
1.2 A didatização da literatura infantil no Brasil.....	15
2. CAPÍTULO II - O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR INFANTIL.....	19
2.1 O caráter lúdico da literatura infantil.....	19
2.2 A Literatura Infantil na escola e o papel do educador.....	21
2.3- Leituras e saber.....	26
3. CAPÍTULO III - ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	34
3.1 A abordagem.....	34
3.2 Campo e sujeitos observados.....	35
3.3 Instrumentos para coleta de dados.....	37
4. CAPÍTULO IV- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE.....	50

INTRODUÇÃO

A literatura infantil contribui para o desenvolvimento integral da criança, considerando, especificamente, o aspecto cognitivo, emocional e social. Vários estudos têm reconhecido que a literatura infantil influencia diretamente nesses aspectos, possibilitando à criança perceber a existência do mundo ilusório e o real, a emoção, a fantasia e o encantamento através do ato de ler e ouvir história. Podemos dizer que o momento de se ouvir e contar histórias infantis proporciona uma interação, que é vivenciada por todos, envolvendo os que estão ouvindo e contando, pois entra num mundo que diverte e ensina. É na exploração da fantasia e da imaginação que se instiga a criatividade, favorecendo uma forte interação entre o texto e o leitor, pois, é na interação da criança com a literatura infantil que está a riqueza dos aspectos formativos nela apresentada de maneira fantástica, lúdica e simbólica.

O interesse em estudar a literatura infantil como elemento mediador para o desenvolvimento da criança surgiu nos estudos realizados durante a graduação, mais especificamente no componente curricular “Literatura Infanto-juvenil e Escolarização”. Percebemos através de observações esporádicas no cotidiano escolar, que estamos muito distante de uma vivência lúdica da literatura infantil quando constatamos a sua pedagogização, ou seja, o livro literário usado com o único propósito de ensinar conteúdos ou como uma forma de moralizar as crianças.

Impulsionados por este fato, aliado aos estudos teóricos, procede a formulação do problema de pesquisa com a seguinte questão: o ensino com a Literatura Infantil está contribuindo para a formação de leitores?

Tal pergunta traduz o objetivo geral da pesquisa: Investigar como professores trabalham a Literatura Infantil no processo de alfabetização. Para orientar a investigação, foram tomados como objetivos específicos: identificar os procedimentos metodológicos no uso da literatura infantil no cotidiano da sala do 1º ano do Ensino Fundamental; compreender se as concepções de leitura, sentidos e objetivos que permeiam e baseiam o trabalho dos professores com a Literatura Infantil em sala de aula, contribuem com o processo de formação da criança leitora; e averiguar a reação das crianças diante do trabalho do professor com a Literatura Infantil.

Para tanto, foram realizadas uma entrevista semi-estruturada com uma professora do 1º ano do ensino fundamental e observações de sua prática pedagógica, considerando o uso da literatura infantil como recurso para formar leitores.

As histórias infantis são indispensáveis para o processo de aprendizagem da leitura. Mas em nosso país, vivenciamos a ausência da prática de leitura prazerosa, o que favorece a falta de domínio relativa às habilidades e competências leitoras necessárias e exigíveis durante a vida escolar e social, de cada pessoa. Muitos professores ainda não percebem a influencia que a Literatura Infantil estabelece, e tampouco a importância do seu papel no processo de ensino e aprendizagem e no desenvolvimento da proficiência leitora em seus alunos.

Este trabalho está exposto em quatro capítulos. O primeiro aborda os pressupostos teóricos do estudo, apresentando um breve resgate da história da literatura infantil, enfocando a didatização da literatura no Brasil. O segundo capítulo apresenta o papel da literatura infantil na construção do leitor, destacando o caráter lúdico da literatura infantil, o uso da literatura na escola e o papel do educador. E o terceiro mostra o caminho metodológico percorrido, apontando o tipo de abordagem para a análise dos dados, o campo e os sujeitos da pesquisa e os instrumentos utilizados para coleta de dados. Por fim, no quarto capítulo, são analisados os dados, mostrando a relação entre a escola campo e a literatura infantil.

CAPITULO I - A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

1.1 UM BREVE RESGATE

A palavra Literatura vem do latim “litterae” que significa “letras”, é possivelmente uma tradução do grego “grammatikee”. Em latim, literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever bem, e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética. Por extensão, se refere especificamente à arte ou ofício de escrever de forma artística. O termo literatura também é usado como referência a um corpo ou um conjunto escolhido de textos como, por exemplo, a literatura médica, a literatura inglesa, literatura portuguesa, etc.

A Literatura é arte, ou seja, fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através das palavras. É uma linguagem específica que expressa a experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão.

O autor Antônio Cândido vê a literatura como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Ele chama a literatura de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade; em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, e até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 1989, p.112).

Já o conceito de Literatura Infantil é bastante discutido entre os estudiosos no assunto. A literatura infanto juvenil é um ramo da literatura dedicada especialmente às crianças e jovens adolescentes. Nisto se incluem histórias fictícias infantis e juvenis, biografias, novelas, poemas, obras folclóricas e/ou culturais. Algumas publicações nos dão conta de que os primeiros livros para crianças tenham sido o trabalho de Comenius: *Orbis Sensualium Pictus* (1658), criado com o intuito de ensinar latim através de gravuras. Antes dessa época não havia nada que pudesse ser tratado como literatura infantil, é o que se deduz pela falta de registros a respeito.

O termo literatura infantil aplicado para distinguir e classificar textos de escrita imaginativa foi empregado no século XVIII. Até o século XVII não havia literatura específica para a criança, uma vez que esta convivia igualmente com os adultos, não se pensava no mundo infantil. Segundo a autora ZILBERMAN (2003, p. 15), antes disso, não se escrevia para elas porque não existia a infância. Sendo assim, oral ou escrita, clássica ou popular, a literatura veiculada para adultos ou crianças era exatamente a mesma. É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Os primeiros livros infantis foram produzidos pelos autores La Fontaine e Charles Perrault com suas obras de conto de fadas. A partir daí foram surgindo outros autores, como os irmãos Grimm e Hans Andersen.

A autora Regina Zilberman afirma:

[...] as histórias conhecidas até hoje como contos de fadas, aventuras como as de João e Maria, da Bela Adormecida, da Cinderela, de Chapeuzinho vermelho eram contadas por e para adultos, até que homens como Charles Perrault (1628-1703), na França, e Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, na Alemanha, as transcreveram e publicaram visando ao público infantil (ZILBERMAN, 2005, p. 16-17).

No Brasil a literatura infantil deu os primeiros passos com as obras de Carlos Jansen (“Contos seletos das mil e uma noites”), Figueiredo Pimentel (“Contos da Carochinha”), Coelho Neto, Olavo Bilac e Tales de Andrade.

Conforme a citação:

Figueiredo Pimentel (1869-1914), era brasileiro e, como Jansen, militava na imprensa. Quando decidiu dedicar-se à literatura infantil, preferiu seguir o caminho sugerido pelos irmãos Grimm. Publicou coletâneas de muito sucesso, como os *Contos da Carochinha* (1894), onde se encontram as histórias de fadas europeias, ao lado de narrativas coletadas entre os descendentes dos povoadores do Brasil (ZILBERMAN, 2005, p. 17).

Porém, o mais importante escritor infantil foi Monteiro Lobato. É com ele que se inicia, de fato, a literatura infantil no Brasil.

Monteiro Lobato não escreveu apenas livros para crianças, mas criou um novo universo para elas. Sua fonte de inspiração foi da própria infância: sua vivência, suas fantasias, suas aventuras, seus jogos e brinquedos. Segundo a autora Vera Teixeira de Aguiar,

Monteiro Lobato foi o primeiro autor da literatura infantil brasileira que deu voz às crianças através das personagens, reproduzindo o universo inquiridor e imaginativo delas, desafiando-as a novas descobertas. Com suas obras, Lobato mostrou que a literatura infantil assegura o status de produção artística quando se vincula ao interesse e à realidade do pequeno leitor (AGUIAR et al, 2001, p. 20-21).

Lobato foi um importante editor de livros inéditos e autor de importantes traduções, sua criação literária contribuiu para a educação inspirando as crianças para o hábito da leitura, pois se dedicou a um estilo de escrita com linguagem simples onde realidade e fantasia estão lado a lado. Ele escreveu obras infantis, como: Narizinho Arrebitado, O Saci, Fábulas do Marquês de Rabicó, Aventuras do Príncipe, Noivado de Narizinho, O pó de pirlimpimpim, Reinações de Narizinho, As Caçadas de Pedrinho, Emília no País da gramática, Memórias da Emilia, O Poço do Visconde, O Sítio do Picapau Amarelo e a Chave do Tamanho.

Segundo a autora Zilberman (2005), o Sítio do Picapau Amarelo, de autoria de Monteiro Lobato tornou-se um sinônimo da obra para crianças, aparecendo como um dos livros mais conhecidos, bem como nas várias séries de televisão inspiradas na criatividade do escritor, cuja obra é um dos pontos mais altos da literatura infantil brasileira. A autora Aguiar afirma:

Usando uma linguagem criativa, Lobato rompeu a dependência com o padrão culto: introduziu a oralidade tanto na fala das personagens como no discurso do narrador. Em seus textos, o discurso flui espontaneamente, com o resgate da situação original que dá sentido ao processo comunicativo. A criação de uma personagem - narradora - Dona Benta, que conta as histórias para as crianças - recupera o clima das antigas narrativas orais (AGUIAR et al, 2001, p. 25-26).

Lobato permanece vivo na literatura infanto-juvenil, porque criou uma obra que tem relações com o passado e com a contemporaneidade. Resgatou o real de maneira crítica e criativa, utilizando uma linguagem artística coloquial sem apresentar dificuldades de comunicação. Motivado pela consciência de que a criança, por viver em sociedade, já sofre condicionamentos que determinarão o seu comportamento futuro, Lobato coloca-se ao lado da criança e ver o mundo através de seus olhos, ajudando-a a ampliar esse olhar nas varias direções.

1.2 A DIDATIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Quando se fala em literatura infantil logo nos lembramos dos populares contos de fadas como Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e muitos outros que continuam presentes na memória de muitos adultos até hoje.

No século XIX, Charles Perrault, segundo Cademartori (2006), coleta contos e lendas populares da Idade Média e adapta-os à burguesia construindo os contos de fadas. Ele tem a intencionalidade pedagógica de transmitir valores morais à criança. Esses contos chegavam à família Perrault através dos contadores que, na época, se integravam à vida doméstica como servos.

Para compreendermos o contexto de criação da literatura infantil, se faz necessário também incluirmos discussões sobre o conceito de infância, definição esta, fruto de um extenso processo. A concepção moderna de infância é fruto de um longo processo histórico que culminou na percepção da criança como distinta psíquica, cognitiva e afetivamente do adulto. “A construção da ideia da especificidade da infância é diretamente relacionada à constituição da escola moderna, espaço privilegiado de aprendizagem e preparação para o mundo adulto” (GOUVEA, 2003, p. 14). Uma cultura infantil foi sendo criada ao longo da história da cultura ocidental, quando a criança assumiu um lugar diferenciado do adulto.

Assim como a concepção de infância evoluiu ao longo do processo histórico, podemos observar que a literatura infantil no Brasil se desenvolveu no mesmo ritmo que a educação escolar, pois desencadeou uma leitura que, mais do que simples divertimento, é instrumento de formação humana, ética, estética, política etc.

Sendo assim, não há como evitar que a literatura infantil ao se tornar saber escolar, se escolarize. No entanto, devemos criticar a inadequada escolarização da literatura, a pedagogização ou didatização que segundo Magda Soares (2006), é mal compreendida, pois, ao transformar o literário em escolar, desvirtua-o. Ou seja, as adaptações exigidas pelo processo de escolarização e a transferência do texto literário para a página do livro didático, muitas vezes, acabam desrespeitando, desfigurando e distorcendo o texto e, conseqüentemente, pseudotextos são apresentados às crianças em decorrência de cortes, supressões, troca de palavras, mudanças da estrutura textual, histórias começando pela metade, ou com seu final alterado ou, simplesmente, ignorado (PAIVA; MACIEL, 2005, p. 115).

Conforme afirma Soares, é necessário que essa mudança do texto de seu suporte original “obedeça a critérios que preservem o literário, que propiciem à criança a vivência do literário, e não uma distorção ou caricatura dele” (SOARES, 1999, p. 42).

Compreende-se que a literatura é sempre e inevitavelmente escolarizada, pois dela se apropria a escola, mas o que se deve é distinguir entre uma escolarização adequada da literatura (aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura, que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar), e uma escolarização inadequada da literatura (aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura). A autora Magda Soares afirma:

É contraditório e até absurda a afirmação de que “é preciso desescolarizar a literatura na escola” (como tornar não escolar algo que ocorre na escola?) ou a “acusação” de que a leitura e o leitor são escolarizados na e pela escola (como não escolarizar na escola? Como pode a escola não escolarizar?). O que, sim, se pode afirmar é que é preciso escolarizar adequadamente a literatura (como, aliás, qualquer outro conhecimento) (SOARES, 2006, p.25).

Em geral são três as principais instancias de escolarização da literatura infantil: a biblioteca escolar, a leitura e estudo de livros de literatura, a leitura e o estudo de textos, quase sempre componente básico das aulas de português. Ao lado do livro da biblioteca escolar, e dos livros oferecidos nas aulas de português, a literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos e interpretados. A criança é submetida a uma leitura sem cultura,

reduzida a cunho utilitário, a leitura passa a ser uma atividade obrigatória, enfadonha e moralista. Com isso, ao invés de criar na criança o hábito da leitura, consegue afastá-la do livro.

Muitos alunos ainda continuam tendo acesso ao texto literário através do livro didático, que instaura, muitas vezes, um trabalho inadequado de recepção estética da leitura e propostas inadequadas de estudo das condições literárias do texto, contribuindo para a formação de um cidadão não-leitor. Pois uma escolarização adequada da literatura exige que os exercícios proporcionem a percepção da literariedade do texto e dos recursos de expressão do uso estético da linguagem. Ao contrário, em muitos livros didáticos, os exercícios centram-se nos conteúdos e não na recriação que deles faz a literatura, voltam-se para as informações que os textos veiculam, mas não para o modo literário como os veiculam. O texto literário é utilizado para ser estudado tornando-se informativo e formativo, deixando de ser lido para emocionar, para divertir, para dar prazer.

O fato é que a criança perde a oportunidade de desenvolver o gosto literário pessoal. É nessa instância que a literatura tem sido utilizada de forma inadequada. Segundo Magda Soares (2006):

Em livros didáticos encontram-se, em geral, como textos para leitura, fragmentos de textos maiores, já que é preciso que as atividades de desenvolvimento de habilidades de leitura tenham por objeto textos curtos, para que possam ser analisados e estudados em profundidade no tempo limitado imposto pelos currículos e horários escolares (SOARES, 2006, p. 29-30).

É dado ao texto um caráter meramente didático e pedagógico, deturpando e falsificando o seu caráter literário. Neste processo sofre uma distorção ao ser transferido de seu suporte literário para a página do livro didático. A sonoridade, o ritmo, a musicalidade, a disposição gráfica próprios do texto poético são perdidos quando o poema se transforma num livro didático. Pois são livros com finalidades e protocolos de leituras diferentes.

Sabemos das limitações do livro didático e que ele dá uma ênfase exagerada ao aspecto da sistematização de normas gramaticais, que, por não constituírem muitas vezes a realidade linguística dos alunos, raramente são assimilados. Assim, a leitura literária, como fonte de reflexão e prazer, fica relegada a algumas perguntas objetivas e sem sentido, pois o texto vira pretexto para ensinar gramática. Segundo

Eliana Yunes e Glória Pondé (1989, p. 130) “o texto fica solto, como se a literatura fosse mero diletantismo com a linguagem e não oferece um testemunho crítico de uma situação e de uma cultura”.

A escola, ao priorizar o didático em detrimento do lúdico em textos para as crianças, transforma a leitura em função pedagógica. Entretanto, arte e educação podem ser parceiras na fruição literária, se a escola fornecer as crianças os estímulos adequados à leitura. Sobre a escolarização da leitura literária, segundo Magda Soares (2004), é inevitável; contudo é necessário discutir as formas como ela se desenvolve, ou seja, como a escola se apropria dos textos literários e como oferece a literatura. É importante salientar que, ao analisar o ensino de literatura, a autora não condena a escolarização desse conhecimento, mas sim, a forma inadequada com que ela tem se realizado no cotidiano escolar.

CAPITULO II - O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR INFANTIL

2.1 O CARÁTER LÚDICO DA LITERATURA INFANTIL

O uso da Literatura Infantil de forma lúdica promove à criança criticidade diante da realidade social, pois o mundo do lúdico é um mundo da fantasia, da imaginação, do faz de conta, do jogo e da brincadeira, mas é através dele que ocorrem experiências inteligentes e reflexivas, praticadas com emoção, prazer e seriedade.

Brinquedos e brincadeiras propiciam o desenvolvimento físico e intelectual e promovem o raciocínio abstrato da criança, para através da imaginação construir o seu mundo.

A criança quando brinca de faz-de-conta libera toda sua imaginação e elabora hipóteses para a resolução de seus problemas tomando atitudes além do comportamento habitual de sua idade, pois busca alternativas para transformar a realidade. Os seus sonhos e desejos, na brincadeira podem ser realizados, criando e recriando as situações que ajudam a satisfazer alguma necessidade presente em seu interior. Quando a criança brinca de médico, por exemplo, está propiciando algumas características do ato da realidade. É a reprodução do meio em que a criança vive. Vygotsky (1998) defende que as funções básicas do brincar permite que a criança aprenda a elaborar/ resolver situações de conflitos no seu cotidiano, usando a observação, a imitação e a imaginação.

Vygotsky (1998, p. 137) afirma: “A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais”. Essas relações irão permear toda a atividade lúdica da criança. Serão também importante indicador do desenvolvimento, influenciando sua forma de encarar o mundo e suas ações futuras.

Nas brincadeiras, as crianças desempenham papéis sociais e comportamentos preestabelecidos pela sociedade, vivem situações do cotidiano que consideram importantes: podem ser a mãe de sua boneca ou de outra criança, podem ser professora ou qualquer personagem que dramatize acontecimentos do cotidiano. A autora Marta Kohl de Oliveira (2010), afirma:

[...] ao brincar com um tijolinho de madeira como se fosse um carrinho, por exemplo, ela se relaciona com o significado em questão (a ideia de “carro”) e não com o objeto concreto que tem nas mãos. O tijolinho de madeira serve como uma representação de uma realidade ausente e ajuda a criança a separar o objeto e significado. Construindo um passo importante no percurso que a levará a ser capaz de, como no pensamento adulto, desvincular-se totalmente das situações concretas. O brinquedo provê, assim, uma situação de transição entre a ação da criança com objetos e suas ações com significados (OLIVEIRA, 2010, p. 68-69).

A literatura infantil leva a criança para o mundo do lúdico, ou seja, um mundo onde ela está em constante exercício. A partir da literatura ocorre a descoberta de si mesmo e do outro, portanto, aprende-se. Para isso é preciso, que a criança vivencie a leitura por prazer, sem esbarrar em práticas escolares engessadas, ou seja, em uma visão escolar conteúdista.

Por isso, devemos aproximar o livro o máximo possível da ludicidade que se instala nas brincadeiras, criando situações em que a criança possa ler de forma prazerosa como se deleita em seus brinquedos. Portanto, a conquista do pequeno leitor se dá através da relação prazerosa com o livro infantil.

É interessante notar que nos contos infantis são projetadas fantasias inconscientes e universais, que ajudam na realização de desejos e relacionam angustias inerentes ao processo de desenvolvimento. A criança encontra nos contos de fadas categorias de valor que são perenes, o maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, dentre outros, facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. Segundo Bruno Bettelheim (1980):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Para o autor essas histórias funcionam e permitem que a criança vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais feliz dessa experiência (BETTELHEIM, 1980, p.20).

Através do caráter lúdico da literatura infantil, o entendimento do leitor vai muito além dos sentidos do texto, ele passa a dar-se conta do próprio processo de leitura. Quando propomos atividades lúdicas com obras lidas, temos em vista brincadeiras que recuperem a espontaneidade e o comprometimento dos jogos a

partir dos sentidos dos textos e, sobretudo, que estimulem a participação do leitor. Assim, cada um vai descobrindo seu papel no jogo da leitura.

A função essencial da literatura na educação é revelar o homem para si mesmo, em toda a sua plenitude, à medida que favorece uma consciência dentro da vida cultural das sociedades. Nos dias atuais, essa função toma uma dimensão bem mais ampla e importante no desenvolvimento infantil, pois segundo Abramovich (1999) quando a criança ouve histórias passa a valorizar, de forma mais significativa, sentimentos que tem em relação ao mundo.

É ouvindo histórias que se podem sentir emoções importante como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, pavor, a insegurança, a tranqüilidade e tantos outros mais, é viver profundamente tudo que as narrativas provocam [...] Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH, 1999, p. 17).

Sendo assim, vale salientar que a literatura infantil, enquanto diverte a criança, oferece esclarecimento sobre ela mesma, favorecendo o desenvolvimento da sua personalidade, pois, o livro infantil apresenta significados em vários níveis diferentes, enriquecendo a existência da criança.

2.2 A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA E O PAPEL DO EDUCADOR

A literatura teve suas origens vinculadas à aceitação da criança como um ser em formação e não mais um adulto em miniatura. Isso levou a uma reformulação da escola em função do novo papel conquistado pela criança na sociedade. Ela passa a frequentar a escola e, a partir daí, os laços entre literatura e escolas começam a estreitar-se. A este respeito Zilberman (1982) afirma:

A literatura infantil “assume traços educacionais, fazendo-se útil à formação da criança e capturando-a efetivamente ao transformar o gosto pela leitura numa disposição para o consumo e para a aquisição de normas” (ZILBERMAN, 1982, p. 22).

Tanto é que a autora destaca que a importância da literatura infantil está na sua duplicidade: sob a ótica do adulto, ela assume caráter pedagógico; sob o ponto de vista da criança, transforma-se num meio de acesso ao real.

Esse caráter pedagógico tem a função utilitarista que não se extinguiu com o passar do tempo. Ainda hoje, muitos professores utilizam a literatura em sala de aula com a finalidade de ensinar aos alunos bons comportamentos. Candido (1972) afirma que a literatura permite ao homem conhecer o mundo, os seres, ajudando-o a formar sua personalidade, satisfazendo suas necessidades de fantasia e imaginação, proporcionando, assim, uma compreensão do mundo e um crescimento interior. Esta concepção encontra no pequeno leitor uma maior receptividade em função de sua necessidade de realizar novas descobertas. Segundo a autora Nelly Novaes Coelho (2000):

[...] a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente - condição sine qua non para a plena realidade do ser (COELHO, 2000, p.16).

Nesse cenário, a escola se apresenta como o veículo para transformação da sociedade, sendo ela a responsável em inserir o seu corpo discente ao mundo letrado. Ela assume a função de escolarizar e a leitura literária acaba configurando-se como tarefa e dever escolar, já que muitas crianças não têm contato com esse tipo de leitura fora da instituição. No entanto, devido à maneira como a leitura é apresentada, a escola não tem conseguido cumprir um dos seus principais papéis: formar leitores. Desse modo, o aluno lê na escola não pelo prazer que a leitura lhe proporciona, mas por obrigação apenas para atingir objetivos didáticos.

A escola tem se constituído, cada vez mais, como a principal instituição responsável por promover o contato dos alunos com os livros e de contribuir para que se tornem leitores autônomos e capazes de fazer leituras voluntárias. Por isso, toda vez que se identifica em crianças ou adultos uma dificuldade no uso da escrita ou um desinteresse pela leitura, é atribuído à escola o fracasso “no desenvolvimento de habilidades de usos social da leitura e da escrita e na promoção de atitudes positivas em relação à leitura” (SOARES, 2004, p. 89).

A escola deve assumir o papel de apresentar a leitura de forma atraente, demonstrando a sua importância para a vida dos alunos, para que vivenciem

práticas de leitura de forma significativa e prazerosa. Diante disso, o uso da literatura precisa ser repensada no cotidiano das instituições, ou seja, seu uso não deve se restringir a um aparato para alfabetizar, pois poderá causar sérios danos à formação do leitor. Mas se utilizado de maneira correta, a leitura literária despertará nas crianças o gosto pela leitura, e o encantamento pelos livros, inclusive para alfabetizar.

No âmbito escolar, o professor adquire papel importantíssimo no desenvolvimento das habilidades e competências leitoras de seus alunos. Visto que,

O professor deixa de ser um mero transmissor de conteúdo e técnicas e assume o papel de orientador, de facilitador da aprendizagem. Para isto, ele necessita, de um lado, aprofundar-se no conteúdo referente às questões de leitura e, de outro, ter um bom conhecimento das crianças que lhe são confiadas, uma atitude positiva e atenta frente aos alunos, uma sensibilidade pelos interesses e possibilidades de cada um. Tem também de conhecer a realidade social do país e as questões do acesso aos bens culturais produzidos no passado e no presente. Somente o professor pode intuir o que convém fazer num determinado momento para ajudar o aluno a aprender a ler (BARBOSA, 1990, p.137).

Não se pode pensar em formar aluno-leitor se não houver o professor leitor. Para Lajolo (1994) a discussão sobre leitura, principalmente numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê para poder conquistar seus alunos, caso contrário, poderá criar em seus alunos a recusa e o afastamento dos livros.

Diante dos resultados da pesquisa deste trabalho, percebemos que em nossa atual realidade, alguns professores, mesmo com formação superior e com cursos de aperfeiçoamento, não desenvolvem práticas de leituras que levem os alunos à proficiência, fazendo-se necessário romper com as práticas mecanizadas que limitam a aprendizagem da leitura apenas ao livro didático e à decodificação mecânica de signos linguísticos. A consequência dessas práticas é que muitos dos nossos leitores são “capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler”, (BRASIL, 1997, p. 55). De acordo com os PCNs, para superar essa realidade,

[...] a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede (BRASIL, 1997, p. 55).

Por isso, é necessário que o professor reflita sobre a sua prática pedagógica e a desenvolva com competência, a fim de propiciar situações que favoreçam a construção da aprendizagem leitora em seus alunos. Desse modo,

As atividades sempre devem colocar as crianças em situações mais próximas da realidade do ato de ler, nas diversas circunstâncias, utilizando as diferentes estratégias para a leitura, em busca do sentido dos textos. A criatividade de cada professor é o limite (BARBOSA, 1990, p.140).

Podemos afirmar, portanto, que a leitura praticada pela escola deve associar-se diretamente à vida cotidiana dos alunos e despertar a fantasia, o imaginário, a expressão e a comunicação através do universo dos livros, ou seja, a leitura como produção de conhecimento, pois não se deve esquecer que nos livros estão à literatura, a filosofia, as ciências etc.

Sabemos que a escola é campo fértil para se produzir leitura, aliás, ela deve ser espaço para o desenvolvimento das potencialidades no que se inclui o tornar-se leitor. Entretanto, a escola necessita ser preparada para isso, para não fazer da literatura mero instrumento pedagógico com a finalidade de reproduzir padrões e valores da ideologia dominante. Também é necessário um profissional que goste de ler, que esteja preparado para lidar com crianças e jovens e tenha uma noção da literatura infanto-juvenil, tanto do ponto de vista teórico quanto a conhecimento das obras destinadas ao público infanto-juvenil. Pois, para que a literatura cumpra seu papel no imaginário do leitor, é fundamental a mediação do professor na condução dos trabalhos em sala de aula. É fundamental que a escola promova o ensino da literatura de forma lúdica, para que o leitor se sinta identificado com o lido, que passa exercitar-se numa aprendizagem importante sobre o mundo, as pessoas, a natureza, as lutas, a dor e o amor.

A escola transformadora deve promover o sentido de liberdade de expressão, busca do prazer estético, gosto pela leitura, criação de espaços para a valorização do lúdico, enfim deve ser um campo fértil para a valorização da interdisciplinaridade e pluralidade do olhar sobre o mundo. Na escola transformadora haverá lugar para a emergência da singularidade, como também das individualidades que se unem em favor do coletivo. Na escola transformadora haverá espaço para o onírico e o poético, portanto para alma. Por mais que nos pareça impossível, haverá lugar para o sonho e para o surgimento de um leitor simbólico que lê o implícito, mergulha no vazio das palavras para buscar seu próprio sentido. Que lê com o corpo e com o espírito, por isso transforma (CAVALCANTE, 2002, p. 81).

Insistimos em afirmar que os educadores têm a responsabilidade de apresentar aos seus educados um vasto repertório literário. Estando alerta às ideologias e doutrinações, analisando primeiramente o material a ser trabalhado com criticidade e ao mesmo tempo com o olhar de um apreciador da pura arte.

Saber identificar textos cativantes ao universo infantil também é uma arte a qual só se alcança penetrando nesse mesmo universo. Se o educador não lê, não busca descobrir a imensidão de literaturas que existe, não terá instrumentos e nem argumentos para trabalhar com seus alunos. Faz-se então necessária à devida atenção dos educadores à literatura infantil em sala de aula e, deste modo, formando o indivíduo em seu sentido mais amplo como ser humano.

O professor deve escolher livros que tenham identificação, estejam diretamente relacionados com a vida de seus alunos para aproximar e resgatar o interesse, a magia, que há nos livros e suas histórias. Prado (1996, p. 8) afirma que “[...] algo muito urgente para todas as escolas, e cuja falta tanto vem contribuindo para o esvaziamento cultural do povo brasileiro: a leitura, os livros literários”. Pois, sabe-se que o professor assume um papel de extrema importância na formação do leitor, uma vez que atua como mediador entre a criança e o mundo da leitura. O professor se constitui numa peça fundamental na interação criança-livro, contudo, para que seja construída uma relação amistosa, é necessário que ele também enxergue na leitura um objeto prazeroso, e que vivencie práticas em sala de aula que despertarão o encantamento dos alunos, levando em conta o desenvolvimento da criança e suas maneiras peculiares de sentir, ver e perceber o mundo. Não é apenas ler livros para os pequenos, mas vivenciar toda a emoção presente no

enredo da história, compartilhando palavras, ilustrações, encantamentos, decepções, alegrias e tristezas com as crianças.

2.3 LEITURAS E SABERES

A literatura infantil, como meio de comunicação e modalidade da leitura, também é um dos mais eficientes mecanismos de recreação e lazer, servindo como um método prático de terapia educacional. Sendo assim, deve-se estimular e colocar ao alcance das crianças os livros infantis, dos Contos de Fadas, poesias, os mitos, folclore, fábulas, teatro, permitindo-lhe penetrar em seu universo mágico dos sonhos. É o caminho não apenas de sua descoberta, mas também um dos mais completos meios de enriquecimento e desenvolvimento de sua personalidade. Na concepção de Aguiar & Bordini (1993),

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada [...] (AGUIAR & BORDINI, 1993, p.14).

A literatura infantil deve ser conservada, enquanto modalidade artística devido suas características estéticas e toda a dimensão artística que a literatura infantil tem, o que assegura romper com o pedagógico e Aguiar et. al (2001) confirma isso quando diz que:

[...] Embora seja um tempo de texto literário que traz a peculiaridade de se definir pelo destinatário a obra infantil tem sua dimensão artística assegurada quando rompe com o normativo com o pedagógico enfim, com o ponto de vista adulto e através de um exercício de qualidade com a linguagem leva o leitor a uma abrangente compreensão da existência (AGUIAR et al, 2001, p. 17).

Como já foi observado, existem dois tipos de obras, as pueris e moralizantes e as que acrescentam à criança novos conhecimentos, experiências, possibilidade

de imaginação e são essas aprovadas pelo leitor criança que merecem o título de literatura infantil, e essa literatura será interessante para a criança quando houver a possibilidade da identificação desse leitor com o texto.

E essa literatura infantil não deve ser confundida com os demais livros paradidáticos e didáticos em que têm o objetivo de ensinar coisas, e sim serem considerados veículos da arte, pois apresentam uma linguagem poética e tem o objetivo de motivação estética. A literatura é livre para falar de qualquer assunto, mas nunca de forma utilitária, querendo ensinar, informar ou persuadir. Para que a criança possa se tornar um leitor competente, os professores precisam compreender como ocorre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, nesse sentido a psicologia vem a nosso socorro e traz a discussão de dois pensadores Lev Vygotsky e Piaget. Sobre Vygotsky a autora Aguiar et. al (2001) enfatiza:

[...] o que facilita o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da atenção, é o processo de interação social, isto é, a conversa com vizinhos, com amigos, com os familiares e, claro, com o professor em sala de aula. Daí a importância de os adultos dialogarem com a criança, mesmo quando o vocabulário utilizado não for familiar, porque só ouvindo as novas palavras o falante pode se apropriar delas (AGUIAR et al, 2001, p. 37).

Para Vygotsky (1998) é a linguagem que ajuda a criança a dar a direção do pensamento, ou seja, uma criança que fala pouco, que não desenha, ou utiliza outro tipo de linguagem, poderá não ter os pensamentos bem organizados. Mas sua imaginação e a leitura contribuem para o desenvolvimento psicológico da criança, porque o pequeno leitor está em situação de diálogo com pessoas, principalmente com adulto que muitas vezes representa o narrador ou o poeta.

Aguiar et. al (2001), segue a discussão e ressalta que Piaget não tem interesses pedagógicos, nem muito menos se preocupa com ensino de literatura, mas quando ele registra e descreve as explicações que a criança dá aos fenômenos da natureza (o que é a chuva? por exemplo), percebemos que antes de pensar com a lógica da mente do adulto, a criança constrói muitos mitos e esses mitos aparecem a partir do momento em que ela se pergunta pela origem das coisas ou responde as perguntas que o adulto lhe faz. Logo isso ocorre porque a criança é uma grande fabuladora de mitos, e isso esclarece porque a sua mente e a sua forma de perceber intuitivamente o mundo, combinam tão bem com a literatura.

Na área da literatura, Aguiar et. al (2001) afirma que é possível compreendermos aspectos importantes do desenvolvimento cognitivo infantil, pois a mesma lógica aplicada pela criança ao desenho está presente no uso e na compreensão que ela tem da linguagem. Uma das maiores riquezas das narrativas infantis é exatamente a de ajudar o pequeno leitor a ordenar seus sentimentos e a compreender o mundo a partir de uma linguagem que seja compatível com sua lógica.

Sobre linguagem, Aguiar et. al (2001) ressalta o fato de que também é possível se aproximar do raciocínio da criança prestando atenção ao desenvolvimento de sua linguagem a partir do contato com a literatura.

A autora continua afirmando o quanto é importante que o educador conheça o desenvolvimento linguístico e intelectual da criança para que possa adequar o texto ao leitor. Nesse sentido, o interesse que a criança pode apresentar pelo ato de ler está de alguma forma, relacionado ao fato de que a literatura deve estar de acordo com sua fase de desenvolvimento. É importante o constante uso de uma linguagem simbólica como manifestação do mundo afetivo da criança e do próprio imaginário na literatura e, também, a escolha de textos com estruturas linguísticas adequadas ao estágio cognitivo do leitor criança.

Quanto ao ato de ler, as autoras Santos e Souza (2004) apresentam duas concepções de leitura uma na perspectiva de ordem cognitivo-sociológica que concebe a leitura com um processo de compreensão abrangente, em que sua dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológico, culturais, econômicos e políticos. E a outra concepção, que é vista com maior frequência, que baseia-se na decodificação de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta, conceito esse que está numa perspectiva behaviorista- skinneriana, em que não se importa com a profundidade da experiência do contato do indivíduo com os elementos da comunicação humana.

E a escola, como afirma Santos e Souza (2004), está priorizando essa segunda leitura em que a criança raramente é estimulada à leitura-prazer em sala de aula, à leitura que levará o aluno a compreensão da realidade. Mas o ato de ler deve ser compreendido em seu sentido de produção de significados e por essa razão,

abrançar as possibilidades de utilização de diversas linguagens. Espera-se, pois, que:

[...] o professor seja um agente fundamental na mediação entre alunos e suportes textuais, um impulsionador e guia, no sentido de um contato cada vez mais intenso e desafiador entre o leitor e a obra a ser lida [...] (SANTOS; SOUZA, 2004, p. 81).

Para que a prática de uma leitura voltada para a produção de sentidos se efetive é necessário que o professor se apresente como sujeito-leitor, e que ele se sinta desafiado diante dos "objetos de leitura" e suas diferentes linguagens. Mas segundo Santos e Souza (2004), o quadro que se configura no Brasil traduz uma situação que demanda atitudes urgentes:

[...] por um lado professores cada vez mais ameaçados em sua condição de sujeitos leitores e de mediadores qualificados para o ensino de leitura, por outro lado, alunos não lêem ou vivem a possibilidade de leitura em sua dimensão mais restrita (SANTOS; SOUZA, 2004, p. 81).

Se entendermos leitura como um dos caminhos de inserção no mundo e de satisfação de necessidades amplas do ser humano (estéticas, afetivas, culturais, além de intelectuais), é de se esperar propostas que superem a visão utilitarista das linguagens em que é privilegiado apenas seu domínio técnico - no sentido da compreensão de que estas constituem produções humanas e, como tal, são possíveis de manipulação, construção, desconstrução e reconstrução. Neste sentido, o papel da escola, que se constituiu em ambiente privilegiado para formação de leitores, deve oferecer às crianças livros de ficção ou poesia, livros que proporcionem ao leitor a oportunidade de vivenciar a história e as emoções, colocando-se em ação por meio da imaginação, permitindo-lhe uma visão crítica do mundo.

Como Santos e Souza (2004) ressaltam, é na escola que a criança tem um espaço reservado para a iniciação da leitura, e para desempenhar essa função a instituição tem utilizado na maioria das vezes, um material para a iniciação e promoção da leitura, podemos citar: o livro didático, o livro paradidático e os livros de literatura infantil e juvenil. Mesmo diante de todas as críticas, o livro didático é o mais usado na escola. Esse tipo de obra é pedagogizante, programática, e tenta converter a narrativa artística em um artefato de utilidade imediata, e que, muitas vezes, anula

a experiência estética e termina afastando as crianças da leitura infantil. Essa narrativa ficcional é, portanto:

[...] detentora de um jogo de significações que exercita o imaginário a participar de possibilidades da composição de outros mundos. É a leitura da obra de ficção, literatura infantil, que desencadeará na criança-leitora uma postura reflexiva e crítica com relação a realidade (SANTOS; SOUZA, 2004, p. 82).

Como vimos, a prática de leituras diversas é importante para a formação de leitores, mas se os materiais utilizados na escola não têm uma relação intertextuais, se as crianças raramente têm oportunidade de ler os textos estéticos, e se quando fazem as atividades propostas esvaziam seu significado, se os professores responsáveis pela intermediação criança/livro não tiverem formação para o ensino da leitura e da literatura, e se, frequentemente, cometem equívocos metodológicos que impedem a formação de crianças conhecedoras e críticas, então como ensinar a leitura por meio da literatura? Como estabelecer na escola a escolarização adequada da leitura? Como Professores e alunos podem partilhar o processo de formação estética?

Com esses questionamentos, Santos e Souza (2004) propõem uma alternativa possível que seria formar o professor, como leitor de literatura infantil, instrumentalizá-lo para estabelecer relações dialógicas entre texto e leitor. Para tanto, alguns elementos devem ser levados em consideração: modos de ler (especialmente pelo docente e aos níveis de leitura possíveis) e o material de leitura em que seria interessante fazer do professor um conhecedor do riquíssimo acervo literário, mostrando como vários livros infantis discutem temáticas de seu universo profissional (escola, leitura etc.) abrindo espaço para reflexão das concepções neles encontradas.

Segundo Paulino,

[...] as possibilidades da leitura literária exigem que o trabalho escolar seja repensado, assim como o processo de avaliação. Tudo isso só tem sentido num modelo menos imediatista e menos repetidor de conhecimento [...] (PAULINO, 1999, p. 57).

A inserção da leitura, no contexto escolar deve ser de forma dinâmica e agradável, utilizando-se, por exemplo, do caráter lúdico que pode ser dado às

estratégias de leitura. Dessa forma, enquanto o aluno “aprende a ler”, estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a sociabilidade e a integração. O gosto de ler, portanto, será adquirido gradativamente, através da prática e de exercícios constantes.

Na escola, as crianças e os adolescentes precisam ter contato com diferentes textos, ouvir histórias, observar adultos lendo e escrevendo. Precisam participar de uma rotina de trabalho variada e estimulante e, além disso, receber muito incentivo dos professores e da família para que, na idade adequada, aprendam a ler e escrever. (MEC, 2006, p. 05).

O ponto de partida para democratizar o contato com a cultura escrita é tornar o ambiente de sala aula alfabetizador: a sala deve ter livros, cartazes com listas, nomes e textos elaborados pelos alunos (ditados ao professor) e recortes de jornais e revistas do interesse da garotada ao alcance de todos. Esses são alguns exemplos de como a classe pode se tornar um espaço provocador para que a criança encontre no material impresso um desafio e uma diversão. “Outra medida é ler diariamente para a turma, pois a criança que lê pelos olhos do professor, porque ainda não pode fazer isso sozinha, vai se familiarizando com a linguagem escrita” (CAVALCANTE, 2006, p. 24).

O gosto pela leitura é construído num processo que é simultaneamente individual e social, pois o ouvir histórias é para quem sabe e para quem não sabe ler. O educador deve compreender e entender as dificuldades das crianças, estimulando-as a ouvir e produzir textos, desenvolvendo assim as competências e habilidades individuais de cada uma, estimulando a leitura como instrumento de libertação, criatividade e reflexão crítica.

[...] ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências lingüísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever (RCNEI, 1998, p. 117).

A leitura é de fundamental importância para a construção e reconstrução do conhecimento de mundo. É importante lembrar que a leitura de um texto pode fazer o leitor criar, recriar, escrever, reescrever ou produzir outro texto, resultante das experiências e da interação social. Além disso, a leitura pode auxiliar no desenvolvimento da escrita, que é algo necessário e imprescindível, para a formação do leitor/escritor.

O domínio da Língua [...] é fundamental para a participação social e efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimentos (BRASIL, 1997, p. 15).

Os momentos de leitura devem ser proporcionados às crianças fazendo-as sentirem prazer a ler bons livros, livros esses que estimulem sua imaginação, as levem a criar, a se distraírem, a entrarem num mundo de fantasias, auxiliando no processo ensino-aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo. Assim, ao propiciar o contato com o mundo das letras o educador estará contribuindo para a formação de leitores críticos.

De acordo com o PCN de Língua Portuguesa:

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura (BRASIL, 1997, p. 29).

Por isso, o professor, juntamente com os pais têm que ter consciência da parceria que deve existir entre si: leitura não se dá apenas com os livros, mas também com a observação e interação do indivíduo no meio social. Diante disso, compreende-se o verdadeiro significado de leitura e percebe-se que ler não é meramente decifrar os códigos linguísticos, mas também compreendê-los. Se as crianças tiverem constante contato com diferentes tipos de texto, principalmente textos literários, terá uma aprendizagem de forma significativa que facilitará o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois é com eles que os alunos aprendem e desenvolvem sua leitura, sua imaginação e sua criatividade, abrindo portas para o mundo encantado da literatura.

CAPITULO III - ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 A ABORDAGEM

A pesquisa qualitativa tem como base a observação de um determinado ambiente natural quando se procura registrar de forma precisa e detalhada tudo que se acontece no ambiente, conseqüentemente obteremos sua interpretação e análise dos dados obtidos descrevendo-os e narrando-os. Vale destacar que segundo Rodrigo (2008) o estudo de caso é um dos tipos de pesquisa qualitativa que usamos quando desejamos entender o porquê de uma determinada questão. O estudo de caso é um instrumento pedagógico que apresenta um problema, que exige empenho do pesquisador para identificar o problema, analisar evidências, desenvolver argumentos lógicos, avaliar e propor soluções. Consiste na utilização de um ou mais métodos qualitativos de recolha de informação e não segue uma linha rígida de investigação. É geralmente, o estudo aprofundado de uma unidade individual, tal como: uma pessoa, um grupo de pessoas, uma instituição, um evento cultural, etc. O estudo de caso promove o raciocínio crítico e argumentativo do pesquisador.

O presente trabalho é, portanto, caracterizado por um estudo de caso de cunho qualitativo que teve como objetivo investigar como os professores trabalham a Literatura Infantil no processo de alfabetização. A pesquisa de campo foi desenvolvida em uma Escola Estadual, situada no bairro das Malvinas na cidade de Campina Grande - PB. A este respeito Severino afirma que:

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador (SEVERINO, 2007, p.123).

É válido evidenciarmos que, segundo Barros (2007, p. 90), “o trabalho de campo se caracteriza pelo contato direto com o fenômeno de estudo”. Sendo assim buscamos informações sobre o objeto de estudo por meio de observação, questionários e entrevistas.

Para a análise dos dados adotamos como base teórica, Regina Zilberman, Vera Texeira Aguiar, José Juvênio Barbosa, Bruno Bettelheim, Lígia Cadermatori, Meire Cavalcante, Nelly Novaes Coelho, Maria Dinorah Prado, Magda Soares, dentre outros. Estes autores apresentam reflexões significativas acerca do tema abordado.

3.2 CAMPO E SUJEITOS OBSERVADOS

A pesquisa teve como campo a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Escritor Alceu do Amoroso Lima que está localizada na Rua Conceição B. Santiago S/N, no bairro das Malvinas na cidade de Campina Grande PB, CEP 58.432-685. A escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, com turmas de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Médio. Com a média de 1.127 alunos.

A escola foi criada em Março de 1988, com o nome de Escola Estadual Escritor Alceu do Amoroso Lima tendo sua instalação ocorrida em março de 1996. A partir de 1998, por determinação legal, todas as escolas da Rede Estadual tiveram que executar mudanças na denominação, passando a denominar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental Escritor Alceu do Amoroso Lima.

A estrutura física da escola é adequada, possui boas condições, assim como os móveis nela contidos. Com nove salas de aulas, uma sala de atendimento Educacional Especializado, sala de recursos multifuncionais (AEE), uma sala de leitura, uma biblioteca, um laboratório de informática, uma diretoria, uma secretaria, uma sala de professores, um banheiro de funcionários, uma cantina que funciona como a cozinha escolar, mas é pequena para a demanda de serviços existentes, uma dispensa, um almoxarifado, um pátio coberto, dois banheiros especiais, duas baterias de banheiros femininos e masculinos, um campinho de área e uma quadra coberta que está desativada devido à oxidação na estrutura.

A instituição possui alunos com média de 6 a 60 anos de idade matriculados. O perfil sócio-econômico é bem diversificado, mas a maior parte dos alunos encontra-se situada na renda mínima, dependem de programas da bolsa escola e ajuda na aquisição de materiais escolares subsidiados. Na escola há pessoas com deficiência que são atendidos em horário oposto às aulas regulares na Sala de Recursos Multifuncionais, como também uma sala informatizada com 10 computadores novos, conectados à Internet de banda larga com diversos softwares de todas as disciplinas. Os alunos são estimulados a utilizar as ferramentas de informática de forma criativa e relacionadas aos diversos saberes. Além disso, as secretarias e direção também estão informatizadas com acesso à internet. A Sala de Recursos Multifuncional possui 02 computadores e um notebook conectados à internet para os alunos com deficiências pesquisarem, e uma televisão. Como parte da informatização, a escola possui ainda dois televisores equipados com DVD, notebook, microcomputers, data-show e retroprojetor para dinamizar as aulas.

Com relação ao número de funcionários, a escola possui 03 vigias, 02 merendeiras, 02 porteiros, 02 inspetoras, 02 auxiliar de biblioteca, 06 auxiliar de secretaria, 06 auxiliar de serviço, 01 cuidador de alunos especiais, 01 secretário, 01 coordenadora pedagógica (noite), 01 gestora- adjunta 01 gestora escolar e 30 professores, totalizando 58 funcionários.

O conselho escolar realiza reuniões mensais e discute todos os assuntos (pedagógicos, financeiros e administrativos) que forem apresentados em pauta. Como função consultiva, deliberativa e fiscalizadora. A linha pedagógica que a escola segue é eclética, de acordo com cada professor. Embora os professores recebam orientações, já que a escola trabalha com os programas do governo Federal: Primeiros saberes da infância, Revisitando os saberes e Mais educação.

Com relação à comunidade escolar, os pais, em sua grande maioria, não são muito participativos. Isso é percebido claramente quando a escola promove palestras, prestação de contas, eventos culturais, e reuniões com pais.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola, a filosofia é educar partindo do princípio: prática-teoria-prática, em busca da construção de uma sociedade justa, igualitária, que vivencie valores e conhecimentos socialmente úteis, almejando o desenvolvimento integral do ser humano, sujeito do contexto social e capaz de

transformar o ambiente em que vive. A escola tem como função principal respeitar e valorizar as experiências de vida dos educandos e de suas famílias. Tem como propósito fortalecer nos educandos, a postura humana e os valores aprendidos: a criticidade, a sensibilidade, a contestação social, a criatividade diante das situações difíceis e, deste modo, formar seres humanos com dignidade, identidade e projeto de futuro.

A pesquisa adentrou as vivências da sala de aula do 1º ano. Nesta sala os alunos sentam-se em carteiras que estão organizadas em filas e, para a professora, há uma mesinha com cadeira. Na sala há também um armário onde são guardados livros didáticos, materiais de uso diário (cola, lápis de cor,...) e pertences da professora. Nas paredes têm janelas que ventilavam o suficiente para o bem estar e para ajudar na iluminação da sala. Mas nos chama a atenção o fato de na sala de aula não ter cartazes, trabalhos dos alunos ou algo de interessante que chamasse a atenção deles para a leitura.

Os sujeitos da pesquisa são a professora e os 18 alunos da turma do 1º ano, com faixa etária de 07 a 10 anos. A formação profissional da docente consta de: Ensino Médio Pedagógico e Licenciatura em Pedagogia em Serviço pela Universidade Vale do Acaraú (UVA). Ela participa da Formação Continuada do (PNAIC) Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

3.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

O instrumento escolhido para a coleta de dados foi uma entrevista semi-estruturada (Apêndices) realizada com a professora e com os alunos. Nesse sentido Carvalho afirma que a elaboração da entrevista

[...] requer que se organize um roteiro de questões cujas respostas atendam ao objetivo específico de coletar dados para determinado assunto da pesquisa; no geral as respostas serão analisadas qualitativamente, mas se requer um mínimo de padronização para que se possa comparar as respostas dos entrevistados e daí extrair os subsídios para a pesquisa (CARVALHO, 2009, p.154).

A aplicação das entrevistas ocorreu na escola campo da pesquisa. Cabe evidenciar que os registros de observações do cotidiano da sala de aula também deram subsídios para a análise dos dados.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Considerando o referencial teórico escolhido para nortear nossa análise, a partir da perspectiva de alguns autores, buscamos indicadores que mostram a importância da literatura infantil para formação de leitores. Para tanto, foram analisadas as falas e prática da professora e as participações dos alunos na sala de aula do 1º ano da escola campo da pesquisa. As observações ocorreram no período de cinco dias consecutivos.

Na entrevista semi-estruturada (APÊNDICE), foram destacados os aspectos formação da professora, tempo de magistério, questões relacionadas ao uso de literatura infantil, concepção de leitura e à sua prática docente. É válido evidenciarmos que, ao iniciar-se na profissão, esta professora tinha estudado apenas o ensino médio pedagógico. Alguns anos depois, cursou licenciatura em Pedagogia na Universidade Veiga de Almeida (UVA). Atualmente participa do curso de formação continuada. Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), além das semanas pedagógicas organizadas no início de cada ano letivo pela Secretária Estadual de Educação. A professora exerce a profissão há vinte e seis anos e sempre lecionou da educação infantil ao 1º ano do Ensino Fundamental.

Ao indagarmos à docente se gosta de ler, ela respondeu que sim: *me considero um leitor, porque é através da leitura que desenvolvemos nosso raciocínio e a capacidade de aprender mais.* E com relação ao tipo de leitura que lhe dá prazer, afirmou: *minha formação leitora começou através de revistas e livros de romance.* Questionada sobre sua prática pedagógica com relação à leitura e ao uso da literatura infantil a professora enfatizou: *a leitura infantil faz parte da nossa rotina na sala de aula através de contos de histórias lidas na sala de aula, fazendo com que a criança sonhe e desenvolva sua imaginação.*

No seu discurso, a docente fala da importância da leitura, afirmando que *ler é um processo contínuo, o desenvolvimento de uma aprendizagem. E acrescenta que por fazer parte do nosso cotidiano, a vida para uma pessoa que não sabe ler se tornaria muito difícil.*

Contudo, pudemos observar que 80% dos alunos da sala do 1º ano ainda não sabia ler e escrever, alguns nem se quer sabiam escrever o próprio nome e durante cinco dias de observação na sala de aula não foi visto a leitura de nem uma obra de literatura infantil pela professora regente. Diante disso, conversei com a professora sobre a importância do ensino com literatura infantil, afirmando que a literatura infantil é fundamental para o desenvolvimento da criança, conforme o estudo de Candido (1972) abre asas para a imaginação e estimula o gosto pela leitura.

A leitura é essencial a qualquer área do conhecimento, pois se constitui num meio para a construção e o desenvolvimento das habilidades e competências requeridas para a formação do cidadão que vive numa sociedade letrada, além de ampliar o seu universo cultural.

Em um dos dias de observação, a professora apresentou um conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho” para sala, mas pediu para que eu lesse para seus alunos. Foi um momento muito especial para as crianças, pois percebemos o interesse, a participação e o entusiasmo de todos. A escolha dessa história foi de grande relevância, pelo fato de ter conseguido o envolvimento emocional das crianças. Segundo Bettelheim (2002) nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança, como para o adulto, do que o conto de fadas, pois através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos.

Quando a professora foi questionada sobre como trabalha leitura em sala de aula, ela respondeu: *baseado em métodos silábicos gráficos e fônicos, jogos lúdicos que envolva leitura, livros didáticos.*

Sabemos da importância tanto da leitura por prazer quanto da leitura para aquisição de informação e percebemos que a professora apresenta dificuldade em apresentar sua concepção de leitura. Assim, é preocupante que um educador com formação superior e com curso de atualização não consiga expressar com clareza sua concepção de leitura, pois nos deixam a impressão de que as suas vivências com a leitura acontecem de forma mecânica, sem sentido e sem associação com o contexto social. Por isso, cabe ressaltar:

No âmbito escolar, em que as atividades de leitura fazem parte de um projeto de ensino, de uma pedagogia, a leitura mostra-se como uma técnica e uma prática que não podem se esgotar na decodificação dos signos escritos ou nos limites impostos pela frase. A partir do momento em que o leitor e a leitura são vistos como elementos integrantes da produção de sentido, o circuito texto/leitor deixa de ser pensado como uma direção de mão única, em que as significações saltariam do texto e o leitor permaneceria preso irremediavelmente às malhas das letras (PAULINO, 2001, p.28).

É importante que o docente desenvolva a prática da leitura em sala de aula. Mas, o que foi visto sendo realizado pela professora em sala não passou de cópias, ela escrevia no quadro uma atividade e pedia que os alunos copiassem no caderno, isso se tornava cansativo e as crianças ficavam inquietas e reclamavam o tempo todo, o fato de copiar parecia mais uma estratégia para os alunos permanecerem sentados. Ao questionar a professora sobre a utilização de livro didático, ela afirma que seus alunos tinham livros de português e matemática, mas não eram muito utilizados, pois considerava as atividades dos livros difíceis para o nível intelectual de seus alunos.

Vivenciamos uma situação que despertou nas crianças o prazer de ouvir histórias foi quando uma professora de um programa oferecido pela Secretária Estadual de Educação (Mais Educação) foi à sala de aula, e contou através de fantoches, a história de João e Maria. As crianças se mostraram atentas e envolvidas durante esta atividade e pediram que a professora contasse outra história e ela respondeu que só na próxima semana, pois sua visita nas salas de aula era apenas uma vez por semana e com tempo limitado.

Diante disso, constatamos que o ouvir histórias move com o imaginário, com a emoção e a cada história cria-se uma perspectiva para quem ouve. Segundo Abramovich (1999, p.23) o ouvir história pode: “[...] estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo a mesma história ou outra [...]”

Ainda sobre a prática pedagógica da professora perguntamos: você costuma usar livros de literatura infantil para preparar suas aulas? A resposta foi: *sim, através de pequenos textos da literatura infantil poderemos explorar atividades como poemas, rimas, músicas, parlendas. Tornando as aulas mais prazerosas.*

Quando a professora diz que: *“através de pequenos textos da literatura infantil poderemos explorar atividades”*... Está contradizendo o que diz Magda Soares (2006) quando ressalta que devemos criticar a inadequada escolarização da literatura, a pedagogização mal compreendida que, ao transformar o literário em escolar, desvirtua-o. A literatura infantil não deve ser confundida com os demais livros paradidáticos e didáticos em que tem o objetivo de ensinar coisas, e sim serem considerados veículos da arte, pois apresentam uma linguagem poética e tem o objetivo de motivação estética.

Desta forma, percebemos a visão reducionista da professora quanto à sua concepção de literatura infantil e, ainda podemos refletir sobre aquilo que vínhamos discutindo sobre a importância que têm os contos de fadas, como nos fala Cavalcanti (2002), que as crianças necessitam principalmente nos dias de hoje, estar em contato com tais livros. Porém, Barbosa (1990) lembra-nos de que é necessária uma postura equilibrada dos professores, desde a escolha dos livros, até o conto da história. Zilberman (1982) chamam-nos a atenção para a importância do uso da literatura infantil desde as séries iniciais, pois, apresenta um jogo que vem ajudar as crianças no seu desenvolvimento oral, na escrita e gosto pela leitura.

Ao perguntar qual é sua opinião sobre a biblioteca de sua escola, a docente afirma que: *a biblioteca nos ajuda com seus acervos literários para prepararmos o nosso cantinho de leitura e despertar no aluno o gosto pela leitura.*

Na vivência da pesquisa foi possível perceber que o discurso da professora entrevistada não condiz com a realidade de sua prática, pois em sua sala de aula não tinha cantinho da leitura como afirma no questionário. Nem tão pouco levava seus alunos para um momento de leitura na biblioteca. Conforme ela, a biblioteca é utilizada pelos alunos de séries maiores e que perderia o tempo que seria para dar os conteúdos programados.

Segundo Magda Soares (2006) a biblioteca é um local escolar a que se atribui um estatuto simbólico que constrói uma relação escolar com o livro. Sendo assim, a atitude da docente entrevistada deveria ser diferente. Portanto, vale ressaltar que a biblioteca escolar possui função educativa e cultural, contribuindo ativamente com a educação, pois, coloca à disposição dos professores e alunos o conhecimento por meio de diversos materiais e atividades, bem como um acervo atualizado e

diversificado. É evidente, que as leituras realizadas na biblioteca são de extrema importância para melhoria da capacidade leitora dos alunos.

Sabemos que é imprescindível que o educador se veja como agente ativo na construção das habilidades e competências leitoras de seus alunos, pois só assim ele assumirá a sua responsabilidade de mediador e construtor de práticas de leituras.

De nossas observações, deduzimos que a metodologia adotada pela docente nas atividades de leitura, na maioria das vezes, são direcionadas ao uso do quadro, onde os alunos fazem cópias de atividades e leituras de palavras soltas de maneira mecânica.

Defendemos que a professora e pessoas da família deveriam incentivar mais a leitura através de histórias e contos. No entanto, o que observamos durante a pesquisa realizada com a professora, é que realmente, ela sabe superficialmente da importância e influência da literatura infantil na formação de leitores. Talvez esteja faltando na maioria dos professores, um envolvimento maior com textos literários, e um olhar mais amplo e crítico a respeito dos mesmos.

Percebemos que a professora entrevistada não é uma leitora proficiente, sendo assim terá dificuldades em formar leitores. Para se formar leitores é necessário ser um leitor proficiente. Compreendemos que, se obtivermos o conhecimento da importância de textos literários, poderemos desenvolver nossas aulas com a certeza de que estamos contribuindo para uma educação mais libertadora e para a formação de indivíduos mais críticos e reflexivos, capazes de atuarem na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos apresentar a importância da literatura infantil para o desenvolvimento integral da criança, sobretudo na formação de leitores, pois a leitura pode despertar o interesse e a atenção da criança, desenvolver a criatividade, a percepção de diferentes resoluções de problemas, autonomia e criticidade, elementos importantes para a formação pessoal e social do ser humano.

Dos dados coletados, constatamos que a professora não tem contribuído de forma satisfatória para despertar o gosto das crianças pela leitura, e percebemos que a formação do leitor crítico ainda não está sendo explorada no interior da escola, entendendo a necessidade de o professor modificar a sua concepção de leitura e de literatura infantil, a fim de que possa trabalhar de modo consciente na formação do leitor.

Este fato foi comprovado através do resultado obtido com a entrevista aplicada à professora. Com alusão à concepção de leitura e de literatura infantil, a docente apresenta dificuldade em se expressar. Da fala da docente, depreendemos que ela relaciona a leitura apenas ao desenvolvimento da oralidade e como um processo mecânico de codificação e decodificação de sinais e símbolos gráficos. Percebemos que, na maioria das vezes, as práticas de leitura são realizadas de maneira mecânica e direcionadas ao quadro, dificultando, desse modo, o desenvolvimento das habilidades de leitura e, conseqüentemente competências leitoras dos alunos e impedindo-os de desenvolverem o hábito e o gosto pela leitura. Assim, é imprescindível uma mudança do docente em relação às atividades de leitura, almejando transformar as metodologias de ensino em práticas significativas. É válido ressaltar, pois, a importância de trabalhar com uma diversidade de textos, em especial a literatura infantil, em sala de aula, que favorecerá o desenvolvimento de ensino-aprendizado, principalmente o gosto pela leitura.

Acreditamos que é necessário repensar o uso da literatura, pois se bem direcionado poderá favorecer o desenvolvimento integral da criança em seus diferentes aspectos, como também estimular a leitura por prazer, assim como são propostos os brinquedos. Precisamos desvincular a leitura dessa prática mecanizada e permitir que os nossos alunos sejam envolvidos por esse mundo de encanto e magia.

Esperamos que este trabalho proporcione aos educadores uma reflexão sobre a importância do trabalho com a literatura infantil, vivenciado com práticas lúdicas o mundo de encanto que é o “Era uma vez...”

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1999.

AGUIAR, V. T. de & BORDINI, M. G. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUIAR, V. T. de (coord.) et al. Descobrindo o leitor. In: _____. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato editorial, 2001.

AZEVEDO, Ricardo. **Livros didáticos e livros de literatura: chega de confusão!** Presença pedagógica, ano IV, n. 25, jan/fev., 1999.

BARBOSA, José Juvêncio. Aprendizagem e leitura em discussão. In: _____. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

BARROS, Aidil Jesus da Silva e LEHFELD, Neide Aparecida de Sousa. **Fundamentos de metodologia científica**. 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BETTELHEIN, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BORGES, Tereza Maria Machado. **A criança em idade pré-escolar**. São Paulo: Ática, 1994.

BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

_____, **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Vol.3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A. C. Ribeiro (org.). **Direitos humanos e literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. **Metodologia científica/fundamentos e técnicas:** construindo o saber. 20 ed. São Paulo: Papirus, 2009.

CAVALCANTE, Joana. O espaço escolar e o mundo da leitura. A escola e a leitura de novos espaços. In: _____. **Caminhos da literatura infantil e juvenil:** dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. Joana. A escola e a leitura de novos espaços. In: _____. **Caminhos da literatura infantil e juvenil:** dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

CAVALCANTE, Meire. Alfabetização: todos podem aprender. **Revista Nova Escola.** N.190, mar. 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário século XXI escolar.** O minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Infância, sociedade e cultura In: CARVALHO, Alisson et al. **Desenvolvimento e aprendizagem.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Editora Ática. 1994.

MEC, Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da qualidade da educação:** dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Desenvolvimento e aprendizagem. In: _____. **Vygotsky-aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2010.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca. Discursos da paixão: a leitura literária no processo de formação do professor das séries iniciais. In: PAIVA, Aparecida et al. **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAULINO, Graça. **Para que serve a literatura infantil?** Presença Pedagógica, ano IV, n. 25, jan./fev. 1999.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RODRIGO, Jonas. Estudo de caso - fundamentação teórica. **Tribunal Regional do Trabalho-TRT**. 18ª Região. Analista Judiciário. Brasília: VESTCON, 2008.

SANTOS, Caroline C. S. dos., & Souza, Renata J. de. A leitura da literatura infantil da escola. In: SOUZA, Renata J. de (org.) **Caminhos para a formação de leitor**. São Paulo: DCL 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. revisada e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda Becker. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Martins., BRANDÃO, Helena Maria Brina., MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF**. 2 ed. São Paulo: Global, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YUNES, Eliana e PONDÉ, Glória. Do livro didático ao literário. In: _____. **Leitura e leituras da literatura infantil**. Por onde começar? 2 ed. São Paulo: FTD, 1989.

ZILBERMAN, Regina. A formação do leitor. In: **A literatura infantil na escola**. 2 ed. São Paulo: Global, 1982.

_____. Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. Regina. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

APÊNDICE

APÊNDICE A- ENTREVISTA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURSO DE PEDAGOGIA

Aluna: Genice da Costa Barbosa Pereira

Entrevista

Esta entrevista servirá como subsídio para a pesquisa a qual visa contribuir para o debate sobre função da Literatura Infantil e sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem. Ela comporá minha monografia de conclusão do curso de graduação em Pedagogia, cujo título é: A Literatura Infantil numa perspectiva lúdica e sua contribuição para formação de leitores. Por isso, sua ajuda será muito valiosa para o enriquecimento da investigação e, por isso, necessitamos de dados sinceros e fidedignos.

Contamos com sua contribuição e desde já agradecemos sua colaboração, atenção e tempo dedicado à entrevista.

CONHECENDO O PROFESSOR

1) Informações gerais:

1- () Sexo

2- () Idade

3- Formação profissional:

Ensino Médio Pedagógico: Não () Sim ()

Graduado: Não () Sim () em: _____

Pós-Graduação: Não () Sim () em: _____

Formação Continuada: Não () Sim () qual? _____

4- Atua com as seguintes modalidades/ nível:

EJA – Médio

EJA – Fundamental

Fundamental I

Fundamental II

Infantil

Outros: _____

5- Em que tipo ou tipos de sistemas você atua como educador?

Estadual Municipal Federal ONG Privado

6- Em quantas turmas você leciona?

II) Sobre ser professor

1- Quais as razões que o levaram a ser professor?

2- O que você mais gosta e o que você menos gosta em sua profissão? Por quê?

3- Você se considera um leitor? Por quê?

4- Conte um pouco sobre como foi sua formação leitora. (frequência de leituras, preferências, modelos leitores).

5- Para você o que é ler e o que é um leitor?

6- Que importância você atribui ao ensino da leitura? Por quê?

III) Sobre a prática pedagógica:

1- Durante a prática pedagógica, existe uma prática com literatura infantil em sua rotina em sala de aula?

Sim Não

Em caso positivo: Como?

2- Durante a sua prática pedagógica, você costuma usar livros de literatura infantil para preparar suas aulas?

() Sim () Não

Em caso positivo: Justifique

3- Comente um pouco sobre como você trabalha leitura em sua sala de aula?

4- Para você, o que é literatura infantil?

5- Seus alunos gostam de livros de literatura infantil? Por quê?

6- E você, lê livros de literatura infantil? Quando e por quê?

7-Fale um pouco sobre como é o contato dos seus alunos com livros de literatura infantil.

8- Qual sua opinião sobre a biblioteca de sua escola? Como você gostaria que ela fosse?

9-Comente um pouco sobre como acontece o contato de seus alunos com a biblioteca da escola?

10- Qual a importância que você atribui aos livros de literatura infantil nas suas aulas? Por quê?

11- Para você, como a literatura infantil pode ajudar na formação do leitor?

12- Qual seu objetivo quando usa a literatura infantil na sala?

13- A secretaria municipal de educação procura ajudar vocês professores com ensino da leitura? Como isso ocorre?

14-E a sua escola? Como ela procura ajudar?